



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 3

No clima do "liberou geral"

Roberto Branco: Alô.

Giovana Girardi: Alô, Roberto?

Roberto Branco: Eu!

Giovana Girardi: Oi, Roberto, é Giovana Girardi, aqui de São Paulo, da Rádio Novelo, tudo bem?

Roberto Branco: Tudo bem, Giovana?

Giovana Girardi: Tudo jóia! [...] eu vou viajar na quarta-feira e tava querendo organizar as coisas todas. É...

Roberto Branco: Aham...

Giovana Girardi: Você já ouviu aí, nesse "grampo", que eu sou a Giovana Girardi, e que você tá ouvindo a Rádio Novelo. Falta dizer que esse é o Tempo Quente, e que esse é o terceiro episódio da série.

Então – se você ainda não escutou os dois primeiros episódios – melhor voltar lá pra tudo fazer mais sentido.

Roberto Branco: Entendi.

Giovana Girardi: [...] É... então, Roberto, assim, é uma viagem...

Giovana Girardi: Esse, com quem eu tô falando no telefone antes da viagem, é o Roberto Branco, o presidente da Associação Comercial e Empresarial de Santarém.

E a viagem que eu ia fazer era pra lá. Quer dizer, começava lá.

Giovana Girardi: [...] eu vou, na verdade, passar por vários lugares aí na região [...] e a ideia é discutir um pouco [...] como que tá sendo essa questão da soja [...]

Giovana Girardi: Depois de conhecer a organização do lobby do agro em Brasília, eu queria entender como é que se articulam ali, no coração da Amazônia, as forças do agronegócio.

Eu queria ver qual é o reflexo no campo das mudanças das leis ambientais. E também desse clima de "liberou geral" que piorou com os discursos do presidente Bolsonaro apoiando atividades ilegais e desmerecendo o trabalho da fiscalização.

A região sofre impactos tanto com as decisões tomadas em Brasília, quanto com a ação de forças locais.

Roberto Branco: O que existe muito na região é muita fantasia. O jornalismo que quiser fazer uma coisa real vai ver que não é o que se fala. O grande problema do Brasil é a Amazônia ser olhada de fora pra dentro e não de dentro pra fora, entendeu?

Giovana Girardi: Entendi. E era justamente de dentro que eu queria olhar.

Giovana Girardi: Tá bom, eu chego na quarta-feira agora.

Roberto Branco: Ok.

Giovana Girardi: Legal, Roberto, obrigada pela atenção.

Roberto Branco: Disponha sempre...

Giovana Girardi: Essa viagem começa por Santarém por vários motivos. Pra começar, Santarém fica num lugar estratégico na Amazônia: praticamente no meio do caminho entre Manaus e Belém.

É exatamente onde o Amazonas se encontra com o Tapajós – outro grande rio brasileiro que nasce bem mais pra baixo, na fronteira com o Mato Grosso...

... que é Amazônia Legal... – mas, se você bate o olho, capaz de duvidar. Porque, de floresta lá, sobrou pouco. A porção leste da Amazônia – que engloba a região à

leste de Santarém, todo o sul do Pará e norte do Mato Grosso –, é a que mais foi desmatada na história.

Nas últimas décadas, em média 30% da floresta sumiu nesse arco do desmatamento pra dar espaço principalmente pra pecuária.

No entorno de Santarém, a mudança é bem mais recente. Lá a paisagem mudou muito nos últimos 20 anos, a partir da chegada da soja. Essas mudanças vieram junto com um porto fluvial controlado pela Cargill, a multinacional norte-americana de produção e processamento de alimentos.

Eu bem que tentei visitar o terminal, mas não consegui autorização para entrar, só consegui ver de fora. Mas tudo bem, porque eu encontrei ali do lado do porto, num predinho baixo, no centro-histórico de Santarém, um entrevistado que praticamente encarnou o papel de porta-voz da Cargill.

Roberto Branco: A Cargill aqui só compra soja certificada, o colono tem que provar que ele está preservando.

Giovana Girardi: Aqui é, de novo, o Roberto Branco. Agora já em pessoa, na minha frente, na sede da Associação Comercial de Santarém.

Roberto Branco: [...] uma entidade de mais de 70 anos, e que representa hoje cerca de 600 empresas da região.

Giovana Girardi: A Cargill é uma das empresas representadas pela Associação Comercial. E o Roberto se apressou em dizer que essa gigante americana não tem nenhum interesse no desmatamento pra produção de soja pra exportação.

Roberto Branco: Hoje, as tecnologias de plantio-- Para se ter uma ideia, aqui na região se colhia soja 10, 15 sacos por hectare. Hoje se colhe no mesmo hectare 120 sacos. Ou seja, não é preciso sair desmatando. Nós não apoiamos e não queremos desmatamento nenhum. Nós não queremos poluição de rios...

Giovana Girardi: Esse discurso ecologicamente correto do Roberto Branco me deu um déjà vu dos ruralistas de Brasília. Ele ali falando, eu viajando que o media training tinha sido bem feito, mesmo.

Só que aí, eu pisquei, e ele mandou essa:

Roberto Branco: os americanos, os alemães, sei lá, os ingleses, franceses, destruíram tudo pra lá. Ah, eles querem preservar a Amazônia? Então bora incentivar o povo da Amazônia. Existe muito fetiche nisso aí.

Giovana Girardi: Opa. Essa é uma argumentação que a gente ouve muito por aí: de que o "*crescimento*", a "*evolução*", a "*civilização*" – entre todas as aspás, claro

– cobram um preço. De que é "do jogo" detonar a natureza dentro de um projeto de desenvolvimento econômico.

Que todos os países "*desenvolvidos*" – entre aspas de novo –, construíram a riqueza deles deixando um rastro de destruição do meio ambiente. E que agora, quando "chegou a vez do Brasil", eles querem "enfiar" esse discurso de sustentabilidade "goela abaixo".

Roberto Branco: Qual é o problema do olhar estrangeiro sobre a Amazônia? O povo que mora aqui. Aqui nós somos, só na região do Médio Amazonas, 2 milhões de pessoas aqui, no Médio Amazonas. Santarém mais os municípios circunvizinhos. Essas pessoas precisam de trabalho, precisam de renda. "Ah, mas tão destruindo a Amazônia."

É muito cômodo para o pessoal lá de São Paulo olhar para o Norte e dizer: "fique de bunda de fora aí". Desculpe a expressão. "Bata o tambor, vão catar castanha..." Não é assim, não funciona assim. [...] As coisas pra Amazônia sempre foram assim, de fora pra dentro. Sempre vem de lá pra cá.

Giovana Girardi: Curioso isso que o senhor está falando agora porque o senhor veio também de fora, né? Veio de Santa Catarina. Naquela época também o senhor acha que não veio um pouco essa visão... o agricultor, por exemplo, né, que veio do Sul pra cá para comprar as terras, eles também não vieram um pouco com a ideia de como se fazia a agricultura no sul e quando chegaram aqui não tentaram fazer igual? Também não aconteceu um pouco isso?

Roberto Branco: É, realmente o solo, o clima...

Giovana Girardi: É, tem esse pequeno detalhe... Eu vou jogar aqui algumas perguntas pra gente ter em mente ao longo desses dois episódios sobre desmatamento. Ah, sim, porque a gente vai falar de desmatamento agora, no episódio 3, e continua falando no episódio 4, tá?

As perguntas:

A gente foi levado a pensar na "ocupação" da região amazônica como uma coisa meio recente, né?... principalmente da ditadura militar pra cá. Como se aquela região fosse desabitada antes.

Não tinha ninguém lá?...

As pessoas que tavam lá eram pobres?

O que que é pobreza?

O que que é desenvolvimento?

Roberto Branco: Eu sou catarinense, cheguei aqui com 14 anos, um menino.

Giovana Girardi: Você veio com seus pais?

Roberto Branco: Meu irmão. Meu irmão era militar e o batalhão que veio para Santarém era sediado na minha cidade, Lages, Santa Catarina. Então foi pego todo o corpo militar pra Santarém. Pra construção da BR-163.

Giovana Girardi: A BR-163 é justamente a rodovia que eu ia pegar logo depois da entrevista com o Roberto Branco. Ela liga Cuiabá, no Mato Grosso, a Santarém.

Giovana Girardi: E Roberto, como é que era a sensação quando você veio? Tava sendo construída ainda a rodovia, né? Era ba-- Imagino que tinha muita floresta ainda. O pessoal costuma falar: "não tinha nada". Como é que era?

Roberto Branco: "Não tinha nada" é um termo, né? Mas as comunicações para Santarém era rio ou avião. Então a BR-163 foi um projeto militar dos anos 70, de fazer uma cruz na Amazônia: Cuiabá-Santarém no sentido norte-sul, e a Transamazônica no sentido leste-oeste.

Giovana Girardi: Transamazônica provavelmente é um nome que você já ouviu falar bastante, né? Mas segura um pouco, que a gente vai deixar a Transamazônica pra segunda etapa dessa viagem. Foca no eixo norte-sul dessa cruz, a BR-163.

Roberto Branco: E uma forma, digamos assim, de trazer as pessoas para a Amazônia, que naquele tempo o governo incentivou as pessoas a virem para cá, tinha projetos de ocupação da região. E veio muitas famílias do Sul, com promessa de colonização da Amazônia. Nós não podemos que as pessoas sejam pobres em cima de uma área rica, não tem como. É impossível você querer forçar qualquer ser humano a viver mal, passar fome, os filhos adoecer de verme e morrer de verme sem ter um apoio. Nosso IDH é um dos mais baixos do Brasil. Nós somos um povo pobre.

Giovana Girardi: É claro que não faz o menor sentido que a preservação da floresta seja feita às custas da miséria das pessoas que vivem na região. Mas é esse mesmo o problema? Eu vou jogar aqui mais uma pergunta naquela listinha:

É a preservação da natureza que causa essa suposta falta de sustento das pessoas que moram na Amazônia? Ou é a destruição da natureza que tá dando nessa miséria toda?

Uma pista pra entender como funciona o pensamento de parte da elite dominante na região tá numa expressão que o Roberto Branco usou agora há pouco...

Roberto Branco: Nós não podemos que as pessoas sejam pobres em cima de uma área rica, não tem como.

Giovana Girardi: *Pessoas pobres em cima de uma área rica.* Em cima...E o que é que tem embaixo?

Roberto Branco: O produto, por exemplo, minério.

Giovana Girardi: Minério. Você deve ter ouvido falar em garimpo na Amazônia mais recentemente...

Roberto Branco: Tem bauxita aqui embaixo e aqui em cima, um povo pobre. Aí vem alguém e disse, "ah, mas não pode mexer aí embaixo". Mas pô, mas se o cara está aqui em cima morando aqui, passando fome, comendo um peixinho, uma farinhazinha, uma barriga desse tamanho, o dente tudo podre, não tem dente. E ele em cima de uma bauxita. Por que a gente não pode: "olha, cidadão, vai para aqui, nós vamos explorar bauxita e o senhor vai ganhar um royalties". Não pode isso? É querer muito? Lá em Minas Gerais pode e aqui não pode. Por quê?

Giovana Girardi: De novo, é a mesma linha de raciocínio. Quando foi pra derrubar árvore na Europa, tudo bem. Na Amazônia, não pode...Quando foi pra detonar com o solo e os rios de Minas Gerais, tudo bem. Na Amazônia não pode...

Como se os erros do passado pudessem servir de justificativa pra "autorizar" os mesmos erros no presente. E como se a gente já não soubesse que continuar cometendo esses erros vai comprometer o nosso futuro.

A gente ainda vai voltar a falar de garimpo já, já. Mas em Santarém, nessa cidade encravada no encontro de dois rios gigantes da Amazônia, o que mudou a paisagem foi mesmo o agronegócio.

Isso foi uma coisa que me chamou a atenção de cara, no comecinho da viagem. Quando o meu avião ainda tava pousando em Santarém.

A cidade até pouco tempo atrás mais parecia uma miragem urbana no meio de um mar de floresta diversa e exuberante. Agora, tá cercada de um marasmo de pasto e plantações de monocultura.

Roberto Branco: Temos aqui vinte anos, quinze anos já que a soja

chegou aqui e nós produzimos hoje na região, o agronegócio corresponde a 35% do PIB.

Giovana Girardi: Quando a soja chegou aqui o senhor acha que mudou o cenário da cidade?

Roberto Branco: Sim, com certeza. Se não fosse a soja aqui na região nós estaríamos o município aqui quebrado. Tem muito posto de combustível, tem muitos... hidráulica, mecânicos de hidráulica, pneus, N coisas que vivem em função do agro. E as áreas que é ocupada pela soja já são áreas antropizadas.

Giovana Girardi: O senhor chama por antropizadas o que já foi desmatado?

Roberto Branco: Área que já foi ocupada.

Giovana Girardi: O Roberto tem um ponto aqui: se a floresta já tinha sido derrubada mesmo, tudo bem aproveitar essa área pra plantação, né?

De fato, se for pra pensar em um aumento da produção agrícola, é claro que é melhor que esse aumento aconteça em áreas que já foram desmatadas no passado, e que hoje estejam improdutivas, com pastagem degradada, por exemplo.

Mas essa situação tem outros dois lados que precisam ser levados em conta pra não promover mais destruição. Primeiro, porque essa dinâmica de ocupação pode empurrar pra frente, pra desmatar novas áreas, que antes tava naquele local "consolidado".

O segundo ponto é observar quando de fato ocorreu esse desmatamento "do passado". Uma coisa é falar numa devastação antiga, que agora tá ganhando um novo uso. Outra é dizer que se trata de um desmatamento antigo, quando na verdade ele é bem recente. E se valer dessa nova devastação pra ocupar com a agropecuária.

Esse é justamente o princípio da grilagem e da especulação de terras. Na maior parte das vezes, não é o próprio agronegócio quem tá desmatando. Ele "só" se aproveita do trabalho sujo que alguém fez antes.

Giovana Girardi: E por que o senhor acha que o desmatamento continua subindo, Roberto?

Roberto Branco: Eu não disse para você que o desmatamento continua subindo.

Giovana Girardi: Não, os números do Inpe, por exemplo, né?

Giovana Girardi: O Inpe é o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais.

Roberto Branco: Esses números do Inpe, eles ficam olhando lá de cima. Uma floresta antropizada, que era uma fazenda que cresceu o mato. Aqui, se você não limpar o campo todo ano, cresce o mato que fica dessa altura. Dois anos sem limpar o teu campo, perde o capim porque o mato toma conta. É muito ligeiro. Então tem muitas florestas que se olham da fotografia. Eu não estou afirmando, não sou especialista nessa área, mas tem muitas coisas que é feito só de foto aérea.

Giovana Girardi: De fato, a análise do Inpe é toda feita por satélite, por foto aérea. É o único jeito de ter a dimensão do problema quando tamo falando da maior floresta tropical do mundo.

Mas pro Roberto Branco, ao olhar do chão – quer dizer, sem ser pelo satélite – em vez de desmatamento, se veria apenas a "limpeza" de fazendas desmatadas há muitas décadas. Isso é uma falácia pra dizer que o desmatamento não tá avançando sobre a floresta ainda de pé.

Mas tem um detalhe importante: a cada ano o Inpe só contabiliza novos desmatamentos que ocorreram no período. Os pesquisadores nem olham pro que já foi perdido no passado, justamente pra não ter essa confusão.

Então, se os números do Inpe mostram que o desmatamento tá crescendo, é porque tão derrubando floresta mesmo. O que estudos do Inpe também tão mostrando é que esse modelo de ocupação já transformou uma parte da região em um perigo para a humanidade.

Quando a floresta vem abaixo em prol de um suposto desenvolvimento, o que o país tá colhendo é uma derrota pras mudanças climáticas. Com aumento da temperatura, redução das chuvas e queda de... Adivinha? Justamente da produção agrícola do país.

Quem revelou isso foi uma cientista especializada em medir quanto a floresta tá emitindo de gases que causam o aquecimento global.

Luciana Gatti: Eu sou Luciana Vanni Gatti, cientista do Inpe, e eu coordeno o laboratório de gases de efeito estufa.

Giovana Girardi: Recentemente a Luciana publicou um estudo, na revista científica Nature, que deu muito o que falar...

Giovana Girardi: [...] que mostrou que parte da Amazônia tá mais emitindo carbono do que absorvendo.

Giovana Girardi: É isso mesmo que você ouviu. Em alguns pontos da Amazônia, dessa floresta que a chamou por muito tempo, erroneamente, de pulmão do mundo, ela tá emitindo mais CO₂ do que absorvendo. Como é que isso é possível?

Vamo primeiro lembrar da aula de biologia no colégio. As plantas respiram como nós: absorvem oxigênio e soltam gás carbônico. Mas na fotossíntese, elas se alimentam do CO₂.

Quer dizer, elas absorvem o gás carbônico que tá na atmosfera. E esse carbono acaba ficando armazenado nas folhas, troncos, e raízes.

Uma floresta tropical como a Amazônia guarda uma quantidade imensa de carbono. É por esse motivo que manter essa floresta em pé é considerado imprescindível pro combate ao aquecimento global.

Porque ela ajuda a tirar da atmosfera o CO₂ que a gente emite em excesso. Mas se as árvores são derrubadas, o carbono que tava guardadinho dentro delas vai pro espaço, piorando o clima.

Só que o problema não para aí. As árvores que sobrevivem numa área que foi muito degradada também se enfraquecem e, com o tempo, passam a absorver menos carbono do que antes. É exatamente isso que a Luciana e a equipe dela conseguiram calcular.

Luciana Gatti: [...] então quando a gente fala que hoje a Amazônia é uma fonte de carbono, é porque as atividades humanas, principalmente desmatamento e queimadas, superam em 3 vezes a capacidade que a floresta tem hoje de absorver carbono

Giovana Girardi: Os pesquisadores dividiram a Amazônia em quatro regiões – nordeste, noroeste, sudeste e sudoeste. E, sobrevoando vários trechos desses territórios, eles coletaram amostras de gases na atmosfera.

No trabalho, eles também avaliaram outros indicadores, como a evolução da temperatura e da quantidade de chuva. Isso tudo ao longo de 9 anos.

Luciana Gatti: E o resultado foi uma surpresa muito grande, nós encontramos uma correlação muito forte entre desmatamento, emissão de carbono — isso não é surpresa. O que foi surpresa foi o impacto que isso tem na precipitação, né, na chuva, e na temperatura. E o principal impacto é na estação seca. A estação seca, ela tá perdendo de chuva uma quantidade proporcional ao tanto que tá desmatado.

Giovana Girardi: Só que os dados do estudo da Luciana foram coletados só até 2018. E o desmatamento só aumentou de lá pra cá...

Luciana Gatti: Olha, 2020, né, eu já tava aqui em casa escrevendo o artigo. E aí nos... nos jornais, todos os jornais aparecia aquele monte de imagem de fogo, animais morrendo... é muito difícil você ser um cientista climático e você saber que isso é um suicídio, isso é uma destruição do Brasil, e você tá na sua casa, incapaz. Estamos num

momento que Congresso Nacional não quer escutar a ciência, onde quem tá no Executivo tomando decisões não quer escutar a ciência, você tá sabendo que o que nós tamo fazendo vai cavar um desastre pro Brasil. Nós já vimos em 2020 um início de desastres, né, desastres grandes como tempestade de areia, que é uma coisa de deserto, aconteceu no Brasil inteiro, por culpa desse desmatamento desenfreado. Esses alagamentos generalizados em Minas Gerais, Bahia, não são uma catástrofe que nós não temos nada a ver com isso, nós temos tudo a ver com isso. A falta de chuva, hoje nós estamos pagando uma conta de luz caríssima por culpa dessa decisão de desmatar, desmatar, desmatar, decisão de quem pensa que floresta é desperdício de terra, de que a única maneira de se fazer dinheiro é destruindo a floresta e botando lá ou gado, ou soja, ou milho. Hoje, o maior problema que a gente enfrenta, é realmente não ter uma fiscalização efetiva, né? Os números mostram que o ano passado o IBAMA não usou nem a metade do orçamento que ele tinha pra fiscalizar. No ano retrasado só 2% dos crimes ambientais foram penalizados. Então isso é um estímulo ao crime ambiental muito grande. Eles, nessa confiança de não serem penalizados, estão mais agressivos do que nunca, no desmatamento e nas queimadas. E é o que a gente tá vendo nas nossas medidas. Lá na região nordeste...

Giovana Girardi: Quando você fala nordeste é tipo Santarém pra leste, é isso?

Luciana Gatti: Exatamente... Nessa região aí, 37% desmatada, perdeu 34% de chuva, e a temperatura aumentou 1,9° C, quase 2 graus, o dobro da média mundial, considerando que nós estamos falando de Floresta Amazônica e região tropical, esse é um número assustadoramente muito alto. Quando a gente olha a região sudeste, ela tá 28% desmatada, e perdeu 24% de chuva. Mas o pior de tudo na região sudeste, foi o aumento de temperatura, o aumento foi de 2,5°C nos meses de agosto, setembro, outubro.

Em agosto do ano passado, eu visitei a região Nordeste e andando de avião, uando você olha, a impressão que você tem é que a lei brasileira lá tá às inversas, né, é 80% desmatado e 20% preservado. Aí você vê aquele mar de soja e uns pedacinhos de floresta, e eu vi 4 áreas recém desmatadas ali, aquilo fora da Floresta Nacional do Tapajós virou um mar de soja.

Giovana Girardi: Um mar de soja. Dias depois de falar com a Luciana por telefone, eu também vi esse mar de soja pela janela do avião quando eu tava pousando em Santarém.

E Santarém era só o ponto de partida da viagem.

Depois de falar com o Roberto Branco, da Associação Comercial de Santarém, eu me encontrei com os meus companheiros de viagem que iam encarar a BR-163 comigo.

Iam ser mais de sete horas de estrada, e eu tive a sorte de pegar uma carona com uma turma "peso-pesado", que conhece tudo sobre a Amazônia: O primeiro era o Carlão – o Carlos Alberto Cardoso de Noronha – um motorista bom de papo nascido em Santarém e que conhece tudo dentro e fora das estradas da região...

Carlos Alberto Cardoso de Noronha: Santarém é uma cidade que ela é pólo, né? Então todo o baixo Amazonas vive em torno de Santarém...

Giovana Girardi: O segundo talvez já seja um velho conhecido seu... Pelo menos se você ouve os créditos do Tempo Quente até o final...

Claudio Angelo: [...] mas a ideia era asfaltar a BR justamente pra trazer a soja pro porto, né?

Giovana Girardi: É o jornalista Claudio Angelo que, como eu, cobre ciência e ambiente há mais de 20 anos. Hoje, ele coordena a comunicação do Observatório do Clima e é consultor aqui desse podcast.

Tasso Azevedo: [...] no topo das árvores chegou a medir 50 graus. 50 graus é o deserto, né? Ou seja... se não tivesse a floresta, taria 50 graus.

Giovana Girardi: E o terceiro é o engenheiro florestal Tasso Azevedo, coordenador do MapBiomias. Ele acompanha as transformações no bioma Amazônia desde o fim dos anos 90. O Claudio e o Tasso tavam no Pará pra apurar material pro livro que eles tão escrevendo juntos sobre o combate ao desmatamento na Amazônia.

E a gente deu um jeito de coordenar as duas viagens em alguns trechos.

Tasso Azevedo: Quando eu vim aqui em, sei lá, 96, 97, você vinha com floresta... Você saía de Santarém, passava as serrarias que tinha aqui na parte de cima, e você logo encontrava floresta. Agora nós viemos desde lá, já andamos 50 km e nós vamos começar a ver floresta densa agora. Não estamos vendo ainda, porque isso tudo aqui é floresta secundária. E a Flona não era tão destacada. Se pegasse a Flona lá em 96, não era uma coisa que você falava assim: aqui é a Flona, sem precisar olhar o mapa. Hoje a Flona é exatamente...

Giovana Girardi: Onde sobrou alguma coisa..

Giovana Girardi: A "Flona" que o Tasso tá falando é a Floresta Nacional do Tapajós – que a Luciana Gatti também já tinha comentado antes.

Nos anos 90, quando o Tasso começou a estudar a região, a Flona nem se destacava na paisagem porque todo o entorno dela ainda tava super preservado.

Agora, ela é praticamente tudo o que sobrou da floresta ao longo de um trecho de pouco mais de 200 quilômetros da BR-163, entre Santarém e Rurópolis – que é onde a 163 se encontra com a Transamazônica.

O Carlão foi testemunha dessa mudança.

Carlos Alberto Cardoso de Noronha: Aqui tinha morador de 40, 50 anos aqui dentro, né? Aqui, no lado esquerdo. Aí veio o grande sojeiro, comprou de um terreno pequeno, aí comprou do outro e faz um lote grande. Aí derruba tudo e planta soja. E os moradores que moravam aqui vão pra cidade. Aqui a gente tá vendo o contraste aqui, ó. Do lado direito é a floresta, intacta, né? E o lado esquerdo é tudo já aberto pra plantação não só de soja. Soja, milho, arroz. Aquilo lá no meio é castanheira. Solitária.

Giovana Girardi: O Tasso explicou que essa metamorfose toda na paisagem foi motivada, basicamente, por duas grandes obras: a construção do porto da Cargill em Santarém, e o asfaltamento da BR-163.

A estrada foi aberta durante a ditadura, mas o trecho no Pará ainda não tinha asfalto até o começo dos anos 2000.

Tasso Azevedo: Nos anos 2000, eles começaram a fazer o porto ali, mas não era pra pegar soja daqui, era pra pegar a soja que vinha lá do... do norte do Mato Grosso. Aí eles pensaram, "bom, mas se dá pra fazer isso, então bora fazer também em Santarém". Era literalmente, é, "vamos plantar nessa região toda aqui". Essa conversa começou ali.

Giovana Girardi: Quer dizer: não tinha plantação de soja no Pará quando o porto começou a ser planejado. A justificativa pra fazer a infraestrutura era escoar a produção do Mato Grosso pro exterior. Mas, já que o porto tava ali...

Tasso Azevedo: O pessoal pensou: vamo começar a plantar aqui, porque se vai ter um porto aqui na frente, ótimo, né? Quando se teve a ideia de fazer o asfaltamento, gerou uma corrida pra cá. Então... A gente olha as imagens de satélite e vê claramente. A partir de 2002, ele explodiu. Explodiu o desmatamento aqui na região. Que era a turma toda vindo ocupar a BR-163. A BR-163 é o novo Eldorado. Vai asfaltar, vamo produzir soja aqui pra exportar lá pra frente. Aí a gente teve muito desmatamento...

Giovana Girardi: No episódio passado, eu já tinha comentado que nessa época – o começo dos anos 2000 – o desmatamento tava explodindo na Amazônia, lembra?

Em 2004, o desmatamento chegou à segunda pior taxa desde o início do registro, em 1988, e ultrapassou 27 mil quilômetros quadrados. Cê sabe o que isso significa? É praticamente o Estado de Alagoas inteiro, desmatado em apenas um ano.

Era o comecinho do primeiro mandato do governo Lula, e a ministra do Meio Ambiente era a Marina Silva – ela própria uma mulher amazônida, com uma história de luta pela floresta.

O Tasso Azevedo trabalhou no ministério com a Marina – justamente no plano de prevenção e combate ao desmatamento. E uma parte importante desse plano dizia respeito justamente ao asfaltamento da BR-163.

Tasso Azevedo: Bom, se vai fazer o asfaltamento da estrada, que tem uma lógica econômica. Mas, pra não virar um desastre. Que a gente sabia que estrada acarreta desmatamento, vamo fazer de uma forma diferente...

Giovana Girardi: Agora: como é que faz pra segurar a motosserra? Porque proibições pra isso já existem. Uma das estratégias do plano do Ministério do Meio Ambiente foi criar um grande mosaico de "unidades de conservação".

Tasso Azevedo: O maior mosaico de unidades de conservação federais foi criado aqui.

Giovana Girardi: Quando o Tasso me falou de unidades de conservação, eu lembrei de uma entrevista que eu fiz quando ainda tava planejando essa viagem pra Amazônia.

O Maurício Torres, que é geógrafo e professor da Federal do Pará, me explicou por que as unidades de conservação funcionam pra conter o desmatamento. E tudo tem a ver com essa dinâmica de especulação fundiária e grilagem que a gente tava falando.

Mauricio Torres: Por que que o... que o desmatador chega no limite dessa área protegida e para de derrubar? Será que é por consciência ambiental? Fala "pô, aqui começa uma Floresta Nacional, derrubar aqui é chato, né? Acho que eu vou pro outro lado"? Com certeza não é isso. Então por que funciona? Porque desmatamento não acontece sem grilagem. A intenção do desmatamento não é, no momento em que ele acontece, diretamente a produção. A gente pegar os principais desmatadores da BR-163, a gente vai ver que os principais desmatadores nunca tinham engordado um bezerro e nunca tinham plantado um grão de nada. E por que que eles desmatavam? Pra vender a terra. O desmatamento é um instrumento de controle territorial. O desmatamento é como o grileiro se apropria da terra. O asfaltamento da rodovia aqueceu demais o, o mercado de terras, e...

se a gente for lá, você vai ver que a terra desmatada... às vezes é... duas, quatro, até 10 vezes, até 20 vezes mais cara que a área de floresta.

Giovana Girardi: Quer dizer: o Ministério do Meio Ambiente sabia que estrada asfaltada funciona como uma espécie de "ímã de grileiro". De quem avança sobre as terras públicas pra devastar, e pra deixar "prontinhas" pro agronegócio chegar com o gado.

E se tiver uma estrada do lado, asfaltada, conectando com os centros urbanos e com o porto... é uma mão na roda. Tudo isso em terra pública, que deveria tá sendo protegida.

O Maurício Torres, que é especialista em conflitos territoriais na Amazônia, tem um livro sobre isso.

Mauricio Torres: [...] cujo título é "Dono é quem desmata", essa expressão... Tá entre aspas o título, claro, não tô afirmando isso. É uma expressão local, certo. O desmatamento é como o grileiro se apropria da terra.

Giovana Girardi: Tá, mas como é que criar unidades de conservação muda essa dinâmica?

Mauricio Torres: Quando você cria uma Unidade de Conservação, você muda o status fundiário da terra. Ela para de ser uma terra pública não destinada pra uma terra pública destinada. Ela nunca mais vai poder incorporar o patrimônio do grileiro. Desmatar é uma coisa muito cara.

Giovana Girardi: Quer dizer: as unidades de conservação acabam funcionando como uma espécie de bloqueio de uma determinada área pública. Tentar vender e grilar um terreno desses fica bem mais difícil, o que também desincentiva o desmatamento dessas áreas.

Agora, claro que só dar o rótulo de "unidade de conservação" não resolve o problema. Mas até 2012, essa e outras medidas de fato ajudaram a segurar a destruição. Entre 2005 e 2012 o desmatamento caiu cerca de 80%.

... e o que que aconteceu em 2012?

Marina Silva: No período do Código Florestal, do debate, que foi de 2011 para 2012, nós tivemos uma queda de 29% do desmatamento, e logo em seguida, de 2012 para 2013, nós tivemos um aumento equivalente ao que havia caído.

Giovana Girardi: Essa que tá lembrando a gente do efeito da anistia que veio de lambuja na mudança do Código Florestal é a ex-chefe do Tasso Azevedo, a

ex-ministra Marina Silva. A Marina também foi deputada, senadora e três vezes candidata à presidência da República. E ela foi mais uma que eu quis ouvir antes de embarcar pra Santarém. A voz dela era outra que ficava ecoando na minha cabeça durante a viagem.

Marina Silva: Durante a minha gestão, a gente conseguiu, por quase uma década, ter quedas significativas de desmatamento, em função de não ter nenhum tipo de sinalização de que haveria convivência com o crime.

Durante os primeiros 3 anos do governo Bolsonaro, eles já são responsáveis por mais de um terço das florestas virgens destruídas no mundo.

Porque você está cedendo à pressão dos grupos que, hoje, têm o controle econômico a partir desse modelo predatório. Agora...

Giovana Girardi: Quando a Marina falou em "modelo predatório", eu me lembrei de fazer aquela pergunta que me motivou a fazer esse podcast.

Giovana Girardi: [...] quem que está ganhando com isso?

Marina Silva: Olha, eu acho que, no atacado, todo mundo perde. Mas tem os que acham que ganham, temporariamente.

Giovana Girardi: Pois é, tá todo mundo perdendo. Mas tem quem se iluda pensando que tá ganhando...

Marina Silva: O Brasil só é um grande produtor de proteína animal, e grande produtor de grãos, porque é uma potência hídrica. E só é uma potência hídrica porque é uma potência florestal. No atacado, todo mundo perde; a humanidade, o planeta e, particularmente, o Brasil e a América do Sul. No longo prazo, todos seremos prejudicados.

Giovana Girardi: Todos seremos prejudicados. Até os grileiros e parte significativa do agronegócio.

Marina Silva: Agora, existem aqueles que ganham politicamente, que é fazer o discurso que rende voto. Quando você sinaliza que quem roubou terra pública, terra indígena, fez um desmatamento ilegal, jogou capim, depois bota lá umas cabeças de gado para dizer que tem uma atividade ali, e o Congresso vai lá e faz uma medida provisória regularizando essas áreas, dando a ele um título definitivo, você está incentivando mais desmatamento.

Giovana Girardi: A Marina se refere aqui a uma coisa que a gente citou no fim do episódio passado: o esforço recorrente no Congresso pra mudar leis de modo a beneficiar quem invadiu e desmatou ilegalmente áreas na Amazônia.

Esse exemplo que ela tá dando é de alguns anos atrás, mas agora tá rolando uma nova tentativa de mudança nas regras da regularização fundiária.

Marina Silva: Os bandidos, que estão até hoje invadindo área pública, derrubando, tirando madeira, depois, fazendo plantação de capim, botando gado, depois é legalizado, sabe o que eles fazem? Eles vendem para os grandes produtores de soja, e aí eles se escondem atrás dos ilegais: dos madeiros, dos fazendeiros predatórios... porque eles dizem: “Não, nós não compramos áreas ilegais”. Eles compram depois que a terra foi legalizada. Quem legalizou? O Congresso Nacional, que legalizou 47 milhões de hectares de terra roubada. Tem gente que ganha muito dinheiro com isso.

Carlos Alberto Cardoso de Noronha: Aqui é Rurópolis, a cidade. [...]

Giovana Girardi: O Carlão ligou a seta pra direita e espantou os meus devaneios.

Carlos Alberto Cardoso de Noronha: A gente saiu da 163, né? E já entrou na Transamazônica. A 163 pega e une na Transamazônica até o km 30. As duas rodovias numa só.

Giovana Girardi: "Duas rodovias numa só". Isso porque a BR-163 "deságua" na Transamazônica em Rurópolis – e as duas se juntam numa só rodovia até o "Quilômetro 30".

Daquele ponto em diante, as duas rodovias voltam a correr separadas: A 163 desce pro sul, em direção ao Mato Grosso, e a Transamazônica segue pra oeste, pro Amazonas.

O curioso é que, nesse trechinho, de "duas rodovias numa só", a estrada fica mais estreita. Na janela, a gente vê mais floresta do que antes.

Mas é uma florestinha frágil, disputando espaço com um pasto também mixuruca.

Carlos Alberto Cardoso de Noronha: Do 30 até no 60, tá no chão ainda. Aí do 60 até Rurópolis, tá no asfalto. De vez em quando a gente vai ver um trecho assim de 4,5 km de chão ainda.

Giovana Girardi: A gente ia seguir por mais 150 quilômetros até Itaituba. O Carlão lembrou que foi num desses trechos “de chão”, de terra batida, que aconteceu um episódio bem emblemático de um dos piores momentos da crise sanitária da Covid-19 no Brasil.

Reinaldo Gottino: A imagem que chamou a nossa atenção no final de semana. A enfermeira e o motorista de ambulância que precisaram empurrar uma maca de uma paciente com covid-19 por quase dois quilômetros em uma estrada de terra. Tudo aconteceu depois que o veículo ficou preso em um congestionamento de caminhões.

Giovana Girardi: Esse congestionamento de caminhões que obrigou a enfermeira a descer da ambulância e empurrar a maca da paciente pela estrada era, na verdade, um protesto. Um protesto de caminhoneiros que transportam grãos, por melhores condições da estrada.

O movimento nesse trecho da rodovia cresceu muito na última década depois que foi construído um porto em Miritituba – que é um distrito de Itaituba –, bem onde a Transamazônica se encontra com o rio Tapajós.

É pra lá que os caminhões levam os grãos pra exportação. Agora...toda a infraestrutura que falta nas estradas sobra nos postos de gasolina no "Quilômetro 30", que fica bem onde a Transamazônica e a BR-163 se separam de novo.

Claudio Angelo: Pô, mas agora era hora de um banheiro, hein?

Carlos Alberto Cardoso de Noronha: É, vamos parar ali no posto. Daqui a Itaituba é 30 quilômetros. Por isso que aqui é apelidado quilômetro 30, né? E pra cá pra esquerda vai pro Mato Grosso, a saída.

Giovana Girardi: Ô Carlão, não sei se você costumava passar aqui antigamente, mas me disseram que esse monte de posto de gasolina que tem aqui agora não tinha, né?

Carlos Alberto Cardoso de Noronha: Não tinha. No caso, um posto desse tamanho aqui, nem em Santarém não tem. Esse posto aqui veio do Mato Grosso só pra atender caminhoneiro, né? Aqui só aqui no 30 só tinha um posto, hoje em dia tem quatro.

Giovana Girardi: A quantidade de caminhão que tem aqui dentro... olha esse monte aqui. Abastecendo.

Carlos Alberto Cardoso de Noronha: Eles abastecem e entram pro pátio da onde eles têm, aqui tem restaurante, tem banheiro, tem internet. Aí aqui é como se fosse um hotel aqui dentro. Tem tudo aqui.

Giovana Girardi: Olha, eu nunca tinha visto nada parecido. Só nessa área relativamente pequena, de entroncamento das duas rodovias, tem quatro postos de gasolina gigantescos. Eles conseguem servir, ao mesmo tempo, milhares de caminhões.

No auge da safra, é ali que os caminhões carregados de grãos do Mato Grosso abastecem e esperam, às vezes por dias, pra embarcar a carga no porto de Miritituba. O processo é demorado por causa do volume da carga, mas também por causa da triagem que as empresas transportadoras fazem antes de embarcar os grãos. A gente fez um pit-stop ali pra tomar uma água, usar o banheiro... mas também pra saciar um pouco a curiosidade.

Claudio Angelo: Queria saber se você topa dar um depoimento pra

gente.

Jerônimo de Souza: Na hora, meu irmão.

Giovana Girardi: Esse é o Jerônimo de Souza, frentista de um desses mega postos de gasolina, que topou conversar com a gente.

Jerônimo de Souza: Acho que ele está com uns cinco aqui no comércio esse posto.

Giovana Girardi: Você trabalha desde o começo aqui, não?

Jerônimo de Souza: Desde o começo.

Giovana Girardi: E como que é o movimento quando está na...

Jerônimo de Souza: Quando está na o tempo da safra aqui dá setecentas carreta por dia aí. O pátio aqui tem dia que não tem nem como entrar que fica carreta. [...]

Giovana Girardi: Mas ali na na triagem cabem mais de mil né?

Jerônimo de Souza: Cabe.

Giovana Girardi: E aqui de bomba tem quantas?

Jerônimo de Souza: Sessenta bomba.

Giovana Girardi: Nossa... E é tudo o pessoal que vai levar pro porto?

Jerônimo de Souza: Isso... nós tem três contrato aqui Cargill, Maggi e Bunge, se eu não me engano.

Giovana Girardi: Aqui vocês fazem a triagem pros três.

Jerônimo de Souza: Isso, três empresas

Giovana Girardi: O Quilômetro 30 já foi um lugar super violento, com lista de gente marcada pra morrer por disputa de terra e tudo. Mas era um vilarejo remoto.

Hoje, o lugar tem todo tipo de serviço e comércio pra atender os caminhoneiros. A violência diminuiu. Mas a disputa pela terra continua. Só que na forma de especulação imobiliária.

Giovana Girardi: Pará tá crescendo também movimento de soja, ou é só tudo que vem de Mato Grosso?

Jerônimo de Souza: A região que tá crescendo bastante é Santarém, né? Negócio de grão, né? Lá tá crescendo bastante. Agora pra cá, agora que eles tão começando chegar, né? Pessoal compraram umas terra aqui, mas primeiro eles estão mexendo com gado. Aí o outro

comprou essa terra aqui em cima, três milhões. Aí devagar estão chegando aí pessoal do Mato Grosso.

Giovana Girardi: É desmatamento novo aqui?

Jerônimo de Souza: Isso.

Giovana Girardi: Tendi. Tá bom, brigada, hein?

Giovana Girardi: Aquela foi a nossa última parada antes de chegar em Itaituba. Ali, o nosso grupo ia se separar. Os rapazes – o Carlão, o Tasso e o Claudio – iam seguir viagem até Novo Progresso pra apuração do livro deles. Já eu ia atravessar de balsa pra Itaituba, onde eu tinha agendado algumas entrevistas.

Tasso Azevedo: Mas é uma distinção completa...

Giovana Girardi: Ali do outro lado é Itaituba?

Carlos Alberto Cardoso de Noronha: Sim. Cidade da pepita.

Giovana Girardi: Itaituba, cidade pepita. Itaituba é um dos principais pontos de garimpo de ouro na Amazônia. E o apelido acabou pegando tanto que foi parar no hino da cidade.

Por causa do garimpo, nos anos 80, o aeroporto de Itaituba era um dos mais movimentados do Brasil. Os moradores mais antigos se lembram do dia em que um avião acabou pousando em cima de outro avião por falta de espaço. Imagina? Tem até foto disso, tá lá no site do Tempo Quente.

O garimpo ganhou um fôlego novo nos últimos anos por causa do aumento do preço do ouro e também, claro, porque se sentiu mais à vontade com o apoio do governo Bolsonaro.

Nos preparativos dessa viagem, eu tinha pedido pro Tasso Azevedo um levantamento sobre as mudanças no uso da terra nos lugares por onde a gente ia passar no caminho.

E entre os dados que o Tasso levantou na base do MapBiomias, consta que a área do garimpo cresceu 20 vezes na região da nossa viagem, entre 85 e 2020.

Pra você ter uma ideia, em 85, a área de mineração na região era metade da área urbana. Hoje, o garimpo ocupa o equivalente a três vezes a área ocupada por cidades.

É esse garimpo, que tá sendo praticado de forma intensiva – e ostensiva – ali na região de Itaituba, Jacareacanga e Novo Progresso, que chamou a atenção dos jornais no começo de 2022.

Os rejeitos da mineração contaminaram o rio Tapajós e chegaram até as famosas

praias de rio de Alter do Chão, que ficam centenas de quilômetros rio abaixo.

Repórter: Nos últimos meses, as águas cristalinas começaram a apresentar uma coloração barrenta. Cientistas e moradores suspeitam da atividade de garimpo ilegal na parte alta do Tapajós.

Giovana Girardi: Essa notícia de Alter do Chão saiu alguns meses depois da nossa viagem. Mas a cor do rio em Itaituba já tinha chamado a minha atenção quando eu tive por lá.

Porque, ao contrário das águas cristalinas do Tapajós – que eu tinha visto em Santarém – lá em Itaituba o rio tava turvo, com um tom de verde leitoso.

A cidade inteira, aliás, passava longe do que a gente imagina quando pensa em "Amazônia". Com uma única exceção.

Alessandra Munduruku: Não é fácil de morar num meio onde tem toda a infraestrutura de morte para nós.

Giovana Girardi: Essa é a Alessandra Munduruku, liderança indígena nascida em Itaituba.

Alessandra Munduruku: Vim lavar roupa, eu disse: nossa, que água estranha. E aí as crianças gostam de banhar... [...]

Giovana Girardi: Colada na área urbana de Itaituba, seguindo pela margem do Tapajós, fica a Aldeia Praia do Índio, que é parte do território indígena Munduruku e ainda não foi demarcada.

Alessandra Munduruku: Só que a gente sabe que o território é grande, se fosse para demarcar todo o território tinha que ser Itaituba toda. Porque é grande, toda essa história do povo Munduruku. Só que é uma reserva pequena, né? No centro da cidade agora, que a cidade está crescendo. Ela cresceu mas continua crescendo por causa do nome "desenvolvimento", né? Por causa dos portos, ferrovia, causa de mineradoras, causa de garimpo. Então a cidade está crescendo bastante. Então quando os portos surgiu aqui, a Bunge, a Cargill [...] aqui era só mato. Na minha aldeia, por exemplo, eu tinha liberdade de ir e vir para onde eu quisesse, porque o espaço era grande. A gente pescava aqui perto, aqui na frente. Assava castanha na beira do rio, pescava, passava a noite, brincava. Hoje a gente perdeu. Com a chegada desses portos, chegou a violência, chegou prostituição, e a cidade cresceu.

Giovana Girardi: A Alessandra me explicou que quando as balsas passam – carregando grãos e combustível – elas rasgam as redes dos pescadores, e jogam lama na praia. E que na frente da aldeia dela já não dá mais pra pescar.

Esse não é um problema que afeta só os munduruku.

Do outro lado do rio, outras comunidades ribeirinhas que também viviam da pesca foram desalojadas por causa das estações de transbordo. Eu ouvi uma frase de um pescador que resume o caos:

"As empresas compram a terra, mas viram donas do rio".

O que que é pobreza?

O que que é desenvolvimento?

Alessandra Munduruku: As empresa, Cargill, quando chegou foi isso. Que você ia ter benefício, que você ia ter emprego, a cidade ia melhorar, ia ter asfaltamento, essa promessa. Aí essas empresa...

Giovana Girardi: Inclusive para vocês eles falavam que ia ter melhoria, é isso?

Alessandra Munduruku: Não, para nós, indígenas, era outro, porque diziam que nós não existia, não existia indígena no município de Itaituba. Até mesmo os vereadores falavam: "em Itaituba não tem índio, não tem indígena". Então nós era apagada. Tanto queria apagar nossa memória, também no mapa.

Giovana Girardi: Quantas famílias vivem aqui nessa aldeia?

Alessandra Munduruku: Olha, total mesmo nós somos dez aldeias. Total. Aqui em Itaituba.

Giovana Girardi: Dez aldeias dentro de Itaituba?

Alessandra Munduruku: Dentro de Itaituba são mais de mil Munduruku.

Giovana Girardi: Outra luta mais recente dos munduruku e de outros indígenas da região do Tapajós é pra barrar a construção de uma ferrovia que vem até Miritituba lá de Sinop, no Mato Grosso.

O nome da ferrovia também não deixa nenhuma margem de dúvida sobre qual é o real objetivo dela: Ferrogrão.

Giovana Girardi: Por que vocês não querem o projeto da Ferrogrão, Alessandra?

Alessandra Munduruku: Eu pergunto, o que a ferrovia vai carregar?

Giovana Girardi: Soja.

Alessandra Munduruku: Soja. E por que mais esses projetos de lei

aprovando? Pra plantar mais soja. Mais soja, mais soja, mais soja, mais soja... E quando tem muita empresa grande, que são multinacionais, que são pessoas da Maggi, Cargill, elas precisam de energia. Essa energia, precisa construir hidrelétrica que vai afetar os territórios. A gente não escapa em nenhum lugar. Dizer, qual é o projeto para nós bom? Não tem nenhum. O que segura esse Rio Tapajós, mesmo contaminado, mesmo sujo por causa do garimpo, somos nós.

Giovana Girardi: De tudo isso que a gente elencou, qual que você acha que é o maior perigo hoje para vocês?

Alessandra Munduruku: Atual, atual mesmo, que está presente, presente aqui mesmo, é o garimpo e é o madeireiro. Os garimpeiros são muito violentos...

Giovana Girardi: Eu perguntei de "perigo" pra Alessandra pensando em risco ambiental. Mas ela me respondeu num sentido muito mais imediato de perigo.

Em 2021, a sede da Associação de Mulheres Munduruku – no município vizinho de Jacareacanga –, foi saqueada, depredada e queimada.

Alessandra Munduruku: Começou muitos ataques, muita ameaça, principalmente contra Maria Leusa.

Giovana Girardi: A Maria Leusa Munduruku é a coordenadora da Associação de Mulheres. Poucos meses depois do ataque à sede da entidade, a casa da Maria Leusa também foi incendiada.

Alessandra Munduruku: Eu tava em casa quando ela me ligou. Disse: "Véia, os garimpeiros chegaram com combustível, vão queimar minha casa". E aí foi um desespero, que aí primeira coisa que eles queimaram foi cortar a internet dela. Aí a gente perdeu o contato. Eu não gosto de falar sobre essa história não...

Giovana Girardi: Não, tá certo. Desculpa.

Giovana Girardi: A criminalidade, naquela região, se confunde com o próprio poder público.

Alessandra Munduruku: Olha, são pessoas que trabalham na prefeitura, né, são pessoas que é ligado a garimpo já. Já tem acesso a garimpo, a toda a informação toda, então.

Giovana Girardi: Tudo bem com o senhor, prefeito?

Valmir Climaco: Tudo bem.

Giovana Girardi: Eu quis falar com o prefeito de Itaituba não só porque ele tem um nome praticamente "predestinado" pra aparecer num podcast sobre clima: Valmir Climaco. Mas porque ele é um daqueles personagens "incontornáveis".

Numa pesquisa rápida no Google, você pode ver que não falta polêmica envolvendo o nome dele. O primeiro resultado no Google, consultando agora, é a repercussão de um vídeo que ele postou nas redes sociais dele "comemorando" – com todas as aspas possíveis – o Dia Internacional da Mulher em 2022.

No vídeo, o prefeito de Itaituba aparece numa festa lotada, dançando sem camisa, visivelmente alterado, e dizendo. Bom, eu não preciso repetir, né? Melhor você ouvir na voz dele mesmo.

Valmir Climaco: Pense num lugar que tem tanta rapariga boa. Eu vou comer aquela, vou comer aquela, vou comer aquela... Eu vou comer mais de vinte.

Giovana Girardi: Decoro pra que, né? Eu não cheguei a ficar surpresa quando eu vi esse vídeo, porque o Climaco é bem conhecido entre quem cobre Amazônia. Em abril de 2021, alguns meses antes da minha viagem, O Globo publicou uma reportagem com outra pérola do Climaco. Era um áudio que ele mesmo tava circulando entre os moradores de Itaituba. Estimulando o pessoal a trabalhar no garimpo:

Valmir Climaco: Mas eu quero aqui aproveitar... dar um recado pra quem está desempregado. O município de Itaituba nunca se viu um ouro tão caro, tão bom de preço, que nem nesse momento.

Giovana Girardi: No final da mensagem, ele manda um recado especial pras mulheres:

Valmir Climaco: Você que tem um marido preguiçoso, só para você ter uma noção: é 30 gramas de ouro que uma cozinheira ganha no garimpo. E ela ainda lava as roupas dos garimpeiros e ainda recebe um dinheirinho. E se ela for solteira, ainda faz outra coisa e ainda ganha outro dinheirinho.

Giovana Girardi: "Se ela for solteira", "faz outra coisa" "e ainda ganha um dinheirinho"... Eu perguntei desse áudio pra ele.

Valmir Climaco: Porque o pessoal dizia que eu incentivo. Mas lá em São Paulo não tem cabaré? Não tem prostituta?

Giovana Girardi: Claro.

Valmir Climaco: Ou não?

Giovana Girardi: Claro.

Valmir Climaco: Pois é, não é nada demais o garimpo ter. Todo lugar aqui tem prostituta bonita que anda em carrão novo, é a coisa mais linda.

Giovana Girardi: O Climaco fala de prostituição como se fosse conto de fadas, e não é só nesse assunto que ele parece viver numa realidade paralela.

Valmir Climaco: O garimpo e o madeireiro são as únicas atividades na Amazônia que não destroem. Eu conheço garimpo que está com 10 anos que parou, e já virou tudo, ninguém vê mais onde trabalhou com garimpo.

Giovana Girardi: Então o senhor acha que o garimpo não causa problema ambiental?

Valmir Climaco: Nem o garimpo, nem o madeireiro.

Giovana Girardi: Que são justamente as duas atividades que o senhor faz.

Valmir Climaco: É as duas atividade que tá dando dinheiro agora.

Giovana Girardi: Eu achei importante ouvir o Climaco porque ele defende sem papas na língua todas as atividades que vêm colaborando com a degradação da Amazônia. E não só pra mim, ou nos grupos de zap. Ele é um ator importante do lobby do garimpo em Brasília.

Giovana Girardi: A riqueza do senhor veio do garimpo?

Valmir Climaco: Eu não me considero um homem rico, mas a minha riqueza, eu sou um homem muito trabalhador. Peguei malária, garimpo, madeireira, exportei madeira. Tenho minhas fazendas, mas sou um cara bem de vida. A minha família é bem de vida, mas trabalha todo dia. E sou garimpeiro, sou apaixonado por garimpo.

Giovana Girardi: O Climaco é cearense e chegou a Itaituba nos anos 70, numa leva de "*homens sem terra*" que foram estimulados, pela ditadura, a ocupar uma "*terra sem homens*". De novo, com todas as aspas possíveis, tá?

Ao contrário da grande maioria dos migrantes nordestinos na Amazônia, o Climaco se deu muito bem. Hoje ele atua como "empresário" nas duas atividades que ele mais defende – o garimpo e a exploração de madeira.

E – homem de visão – ele também é dono de postos de combustíveis. Além, claro, de ser prefeito, pelo MDB. Só que o Climaco coleciona multas

- do Ibama,

- da Agência Nacional de Mineração,

- e até da Agência Nacional de Aviação...

Valmir Climaco: Peguei umas multas, mas tudo não era dentro de propriedade minha. Já provei e já fui absolvido.

Giovana Girardi: Ele também é investigado por associação com o narcotráfico – depois que mais de 500 quilos de cocaína foram encontrados numa propriedade dele...

Valmir Climaco: Provei que eu não tinha nada a ver com aquilo...

Giovana Girardi: ... e ficou famoso por ter incitado moradores de uma área reivindicada pelos indígenas munduruku a receber os técnicos da Funai "a bala".

Valmir Climaco: Não tem nada a ver essa situação com o que tão falando na imprensa.

Giovana Girardi: O Climaco tem pelo menos 11 processos tramitando contra ele por crimes como

- desmatamento,
- transporte de madeira sem autorização,
- fraude,
- improbidade administrativa...

... e ele foi inclusive condenado em primeira instância por desmatamento ilegal.

Valmir Climaco: Na primeira instância eu fui condenado, mas na instância superior, eu derrubei.

Giovana Girardi: Na verdade, ele recorreu da sentença, mas o caso ainda tava pra ser julgado.

Valmir Climaco: Nunca ouvi falar que madeireiro destruísse a Amazônia. Só tira aquelas árvores que já vão morrer, árvore de 300, de rodo, madeira grossa.

Giovana Girardi: Certo. Vamo fazer uma pausa aqui.

Uma extração de madeira legalizada – dentro de um manejo florestal feito direitinho – de fato é considerada uma atividade de baixo impacto pra floresta. E uma forma justa de fazer dinheiro sem precisar derrubar tudo.

Mas não é assim que a banda toca na maior parte da indústria madeireira da região. Em geral, quando uma área de floresta é ocupada ilegalmente, a primeira coisa que se faz é retirar as árvores com potencial econômico – tipo os ipês – que têm a madeira bem cobiçada.

Pra conseguir vender essa madeira, os madeireiros ilegais têm que dar um jeito de "esquentar" a documentação dela. Por exemplo, dizendo que ela foi extraída de alguma área com plano de manejo.

Quer dizer: a nossa velha conhecida fraude.

A extração seletiva de madeira costuma funcionar como o pontapé inicial da destruição. Depois da motosserra, que tira as árvores que têm mais apelo de mercado, os grileiros passam o famoso "correntão" pra derrubar todo o resto.

O nome é bem autoexplicativo: a técnica é amarrar uma corrente bem forte entre dois tratores... e sair acelerando, derrubando tudo que aparece pela frente.

A etapa seguinte é tocar fogo pra "limpar" o terreno. E aí é só plantar capim, colocar gado e – voilà – a área fica parecendo uma ocupação antiga, pronta pra ser vendida pra "gente de bem". Mas o Climaco acha é pouco.

Valmir Climaco: Nós, aqui, respira um ar puro, nós estamos no meio da Amazônia. Esses burquinhos véio que fizeram aí de desmatamento é muito pequeno pro tamanho da Amazônia que nós temos.

Giovana Girardi: Ah, o senhor acha que o desmatamento foi pouco até?

Valmir Climaco: Eu fui comparar com os Estados Unidos, não pode comparar, com a Europa.

Giovana Girardi: Não, tô comparando com a gente mesmo, prefeito.

Valmir Climaco: Não, mas nós tem que comparar também pelos outros. Os outros tão falando de nós, nós tem que falar dos outros.

Giovana Girardi: Não, mas eu estou falando da gente, não estou falando dos outros.

Valmir Climaco: Não, pois é, mas eu também quero falar dos outros, cê entendeu?

Giovana Girardi: Não, prefeito, mas assim...

Valmir Climaco: Eu não vou fazer uma entrevista só do que você quer ouvir, porque nós...

Giovana Girardi: Imagina, eu estou deixando o senhor falar, que isso?

Valmir Climaco: Não, mas eu... Você quer falar de nós. O nosso desmatamento, comparado com os outros países, é menos. A nossa região não tem. Se você pegar um avião aqui, você vai ver só mata. Vai

daqui nos garimpo, chega lá cê vê só aquela abertura do baixão. Que ouro não dá em cabeça de montanha, ouro dá na beirada do rio. Se você for no garimpo Rosa de Maio, do Zezinho do Abacaxi, o garimpo está lá, intacto. Era um garimpo que tinha dois mil homens, aí ele abandonou o garimpo e não deixa ninguém trabalhar lá dentro, está mata virgem. Ninguém sabe mais nem onde é a cantina, até a pista cobriu. É que nem o azougue, que acaba com a Amazônia, os peixes. Eu já queimei mais de duas mil quilos de ouro e eu nunca senti uma dor numa unha.

Giovana Girardi: "Azougue", no caso, é mercúrio. Agora: mesmo no meio desse fluxo de consciência negacionista, pintando a indústria madeireira e o garimpo como "sustentáveis", essa defesa do mercúrio "inofensivo" já era demais.

Tem inúmeros relatos de contaminação de peixes por mercúrio, de indígenas doentes.

Valmir Climaco: Eu nunca ouvi falar. Olha, isso tudo é conversa de falsos pesquisadores.

Giovana Girardi: Falsos?

Valmir Climaco: É.

Giovana Girardi: Por que, prefeito, que eles são falsos?

Valmir Climaco: Porque não tem nada comprovado.

Giovana Girardi: Mas... Quando eles publicam isso tudo, isso não significa que é comprovado?

Valmir Climaco: Mas tem um estudo que diz que não faz nada. Tem estudo dizendo que é ruim pra saúde, e tem estudo dizendo que não tem nada a ver com a saúde. Eu já engoli azougue já, eu já engoli.

Giovana Girardi: Por que?

Valmir Climaco: Eu estava com um problema de empachado: "me dá duas gotas de azougue", eu engoli e nunca morri, fiquei foi bom. A pessoa que diz que azougue faz mal... Olha, eu como peixe quase todo dia. Eu nunca ouvi falar que tivesse azougue em peixe. Eu desafio um sistema de pesquisa pra dizer que tem peixe doente, que tem peixe com isso, que tem isso, tem aquilo outro.

Giovana Girardi: É, tava com cara de que, daquele mato, não ia sair coelho...

Só pra ficar claro aqui: a contaminação por mercúrio é um problema de saúde pública tão sério, que existe até um acordo da ONU pra combater o uso.

Esse acordo foi firmado em 2013 na Convenção de Minamata, no Japão. Ah, e o Brasil é signatário desse acordo, tá?

Agora, pro Climaco, isso é "intriga da oposição". Com as mudanças climáticas é a mesma coisa...

Valmir Climaco: Eu moro há 43 invernos e 43 verão. Nunca vi tanta chuva na Amazônia que nem esse ano. Aqui está chovendo, as pastagens tudo verde... Só pra você...

Giovana Girardi: Mas teve ano bem seco, né, nos últimos anos?

Valmir Climaco: Ah, teve ano, mas isso é normal, é no mundo.

Giovana Girardi: O senhor acha que não é... Não existe, então?

Valmir Climaco: Agora, o que não pode acontecer é uma chuva grande com temporal lá na Alemanha, e vir botar a culpa que é a Amazônia. Nós não tem nada anormal... Toda a vida a temperatura é essa que nós estamos vendo.

Giovana Girardi: Mas o senhor acha que não existe um problema de mudanças climáticas, então?

Valmir Climaco: Não, eu não concordo, não concordo. É a mesma história do azougue. (risos) Não vejo nada...

Giovana Girardi: A viagem era tanta que eu já tava duvidando da minha própria sanidade. Será que o Climaco tinha me servido cafezinho adoçado com azougue? Até que o assunto foi parar no agronegócio.

Valmir Climaco: A grande valorização do agronegócio, que tem crescido, porque o governo falta com a responsabilidade, principalmente com o meio-ambiente da Amazônia.

Giovana Girardi: Oi? Será que até o Climaco passou pelo media training da sustentabilidade? Não parecia fazer sentido ele querer mais fiscalização do governo – até porque ele mesmo já tomou tanta multa...

Valmir Climaco: É esse povo que tem essa mentalidade para acabar com a Amazônia aqui...

Giovana Girardi: Quem que é esse povo, prefeito?

Valmir Climaco: Ah, o povo do Mato Grosso, o povo do Mato Grosso do Sul, do Paraná, Santa Catarina, de São Paulo. Vende as propriedades lá por uma fortuna, e chega aqui, pensa que compra a mata, pode botar no chão.

Giovana Girardi: Eu demorei, mas entendi. É o velho jogo de empurra-empurra. A culpa é dos outros. Na cidade e nas terras dele, não... nada acontece.

Valmir Climaco: Lá de Novo Progresso, ali, o pau está comendo 24 horas.

Giovana Girardi: Que ótimo. Era justamente pra Novo Progresso que o Claudio, o Tasso e o Carlão tinham ido. E eles já tavam vindo me buscar em Itaituba, no dia seguinte, pra gente continuar a viagem.

Deu pra ver que não ia faltar assunto na estrada.

Continua comigo, que no episódio que vem a gente pega a Transamazônica em direção a Altamira.

Tempo Quente é um podcast original da Rádio Novelo, produzido com apoio do Instituto Clima e Sociedade e da Samambaia Filantropias.

Eu, Giovana Girardi, apresento, faço a reportagem e assino o roteiro com a Paula Scarpin – com o apoio da Bárbara Rubira, da Flora Thomson-DeVeaux e do Arnaldo Branco.

A coordenação do projeto é da Ana Magalhães e da Bárbara Rubira, que também faz produção com a Marcelle Darrieux.

A gente teve a consultoria da Cristina Amorim e do Claudio Angelo.

A direção criativa é da Paula Scarpin e da Branca Vianna, e a direção executiva é do Guilherme Alpendre.

A música original foi composta pelo Arthur Kunz.

A edição é do Lucca Mendes e a sonorização é da Júlia Matos e da Paula Scarpin.

A direção de locução é da Mika Lins.

Nós gravamos na Confraria de Sons e Charutos.

Neste episódio tivemos apoio pra reportagem em Itaituba da Ítala Nepomuceno e apoio de produção da Clara Rellstab.

Nossos transcritores foram Laura Rellstab, Nathalia Atayde, Nino Bloch e Pedro Gutman.

A checagem é do Emerson Kimura.

A mixagem foi feita pela Pipoca Sound.

A estratégia de promoção e distribuição fica por conta da Juliana Jaeger e da FêCris

Vasconcellos. As redes sociais são da Bia Ribeiro e do Eduardo Wolff, com o designer Mateus Coutinho. A edição de nosso conteúdo em vídeo é da Thais Fernandes.

Nossa identidade visual foi elaborada pela Natasha Gompers, e o nosso site foi feito pela Paula Carvalho e pela Amanda Gedra.

Neste episódio, usamos áudios da TV Record, TV Globo, do canal da Prefeitura de Itaituba, da TV Afiada e do jornal O Globo.

Na apuração desse episódio, a gente ouviu muito mais gente do que aparece aqui. Então queria agradecer também a Anderson dos Santos Costa, Alcilene Magalhães Cardoso, Antonio Carlos Abreu da Silva, Antonio da Silva Damasceno, Caetano Scannavino, Conceição Fonseca Pantoja, Edilberto Sena, Edivaldo Matos, Jurandir Alves da Silva, Laura Cristina de Souza Chagas e Pedro da Gama Pantoja.

Obrigada e até semana que vem.